

MEMÓRIA CAMPINEIRA (25)

PRELADOS DE CAMPINAS

(Preleção de **Lycurgo de Castro Santos Filho** aos alunos das quatro turmas da quinta série do Colégio Notre Dame, de Campinas, nos dias 13 e 14 de maio de 1985).

1. DOM JOÃO BATISTA CORRÊA NERY

Nasceu em Campinas à rua Formosa (hoje Conceição) a 6 de outubro de 1863. Estudou no Colégio Culto à Ciência, onde, com 17 anos, escreveu e fez representar no Teatro São Carlos o drama intitulado **Pai e Filho**. Coursou o Seminário de São Paulo, onde se fez notar pela facilidade e elegância no discursar. Ordenou-se sacerdote em 21 de fevereiro de 1886, em São Paulo. Professor por alguns meses do Seminário de São Paulo. Vigário da Matriz de Santa Cruz (chamada depois Matriz Velha e hoje Basílica de Nossa Senhora do Carmo) em 1887. Vigário da Matriz Nova, chamada Igreja de Nossa Senhora da Conceição e catedral de Campinas, em 1894.

Por ocasião das epidemias de febre amarela que castigaram Campinas a partir de 1889, auxiliou a população e depois, com o patrocínio de dona Maria Umbelina Alves Couto fundou o “Liceu de Artes e Ofícios” (Liceu Nossa Senhora Auxiliadora), que entregou aos salesianos e ali colocou órfãos das epidemias, para serem educados. O povo fez que se desse a uma das ruas da cidade, nas proximidades do Liceu, o nome de “Cônego Nery”.

Fundou o jornal “A Verdade” e pregava sermões admiráveis, como também escrevia “Pastorais” (depois de se tornar bispo).

Em 1896 foi nomeado primeiro bispo de Vitória, no Espírito Santo, tornando-se o mais jovem bispo do mundo, pois contava apenas 33 anos. Em Vitória, criou a sede do bispado, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (hoje Escola Normal do Estado), e mandou catequizar os indígenas botocudos. Era seu secretário o padre Claro Monteiro de Melo, que, mais tarde, ao tentar catequizar índios no oeste de São Paulo, foi por eles morto (1901).

Publicou uma “Pastoral” descrevendo a história do Espírito Santo e foi eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1901, foi transferido para a nova diocese de Pouso Alegre, no sul de Minas, tornando-se o seu primeiro bispo. Ali construiu o palácio, o Seminário, e, com ajuda de outros religiosos, o Ginásio Diocesano. Fez representar em Pouso Alegre o drama de sua autoria **A Vitória da Fé**. Fundou jornais religiosos.

Em 1908 tornou-se o primeiro bispo de Campinas, cuja diocese fora criada em 7 de junho de 1908. Em Campinas instalou o Seminário e o Ginásio Diocesano, onde estudaram protegidos seus, futuros bispos e professores, como o acadêmico Ataliba Nogueira e o também acadêmico monsenhor José Bueno de Castro Nery, que adotou este sobrenome em gratidão ao seu protetor. Em Campinas, promoveu um Congresso Católico, instalou a Escola Agrícola junto ao Liceu Salesiano e fundou “O Mensageiro”, jornal católico.

Na epidemia da “gripe espanhola” transformou o Seminário, então instalado no Palácio Episcopal (antigo solar do barão de Anhumas) em hospital.

Seu grande auxiliar e amigo, que o acompanhava desde Vitória, onde fora por ele ordenado sacerdote em 1900, era o bispo auxiliar, Dom Joaquim Mamede da Silva Leite, nascido em Campinas em 1876 e falecido em Petrópolis em 1947 e que possuía o título de bispo de Sebaste de Laodicéa.

Dom Nery foi Prelado Doméstico do Papa e conde papalino. Relacionava-se com o presidente da República, Wenceslau Brás, que o ouvia. Faleceu em Campinas a 19 de fevereiro de 1920, e está sepultado na Catedral. A cidade erigiu-lhe um monumento, fronteiro à Catedral, obra do escultor Fernando Frick, inaugurado a 19 de novembro de 1924. Publicou dramas, comédias, cartas pastorais e crônicas históricas.

2. DOM FRANCISCO DE CAMPOS BARRETO

Nasceu no distrito de Sousas, em Campinas, a 28 de março de 1877, sendo sua família descendente do fundador de Campinas, Francisco Barreto Leme. Estudou em Campinas, cursando depois o Seminário de São Paulo, onde se ordenou sacerdote a 22 de dezembro de 1900.

Vigário da freguesia de Santo Antônio de Vila Americana (atual cidade de Americana), em 5 de fevereiro de 1901, ali instalou o Apostolado da Oração e criou um centro de religiosidade. Vigário da Igreja de Sant’Ana, em Sousas, de 1903 a 1904; reformou o templo, construiu um escritório paroquial, escreveu um catecismo. Vigário da paróquia de Santa Cruz em Campinas, onde permaneceu de 1905 a 1911. Na Igreja do Carmo (hoje Basílica) ergueu as duas torres, com os relógios. Criou a Liga do Menino Jesus, para o preparo de crianças à primeira comunhão, instalou

a Associação de Santa Mônica, para mães cristãs, a União de Santo Agostinho, para homens e fundou a Ordem Terceira do Carmo. Fez vir oradores sacros do país. Promoveu a vinda das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, que sob sua orientação, fundaram o Colégio Sagrado Coração de Jesus, para meninas (dezembro de 1908). Sob o patrocínio do bispo Dom Nery lançou a folha “Mensageiro Paroquial” e publicou o livro “A Igreja Católica e o Protestantismo”.

Trabalhou com monsenhor Manuel Ribas d’Avila, padre Pedro dos Santos e uma Comissão Pró-Bispado, composta dos srs. Antônio Carlos do Amaral Lapa, Júlio Frank de Arruda, Orozimbo Maia, João de Assis Lopes Martins, Roque de Marco, Vicente de Almeida Ferrão e Antônio Rodrigues de Melo, que conseguiram a criação do bispado de Campinas. O bispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, obteve da Santa Sé a elevação de São Paulo a arcebispado e a criação das dioceses de Campinas, Botucatu, Taubaté, São Carlos e Ribeirão Preto, a 7 de junho de 1908, pela bula “Diocesium nimiam amplitudinem”, de Pio X.

Monsenhor camareiro secreto do Papa (9-3-1908), Procurador da Mitra, cônego arcipreste do Cabido Diocesano. Na pastoral que escreveu quando tomou posse do bispado em 1º de novembro de 1908, disse Dom Nery que monsenhor Barreto tinha sido a alma da criação da diocese de Campinas.

Nomeado a 12 de maio de 1911 primeiro bispo da nova diocese de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Foi combatido por muitos gaúchos, mas lá ficou até 1920. Construiu o Palácio Episcopal, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e o convento de São José, fundou jornais católicos, promoveu a vinda de três congregações que se instalaram na diocese de Pelotas.

Nomeado segundo bispo de Campinas (14-11-1920) para colocar em ordem as finanças da diocese, que estavam precárias. Metade da população de Campinas não o recebeu bem, porque todos queriam que o sucessor de Dom Nery fosse seu auxiliar Dom Mamede. Este renunciara à diocese de Caratinga, em Minas Gerais, para ficar com Dom Nery e fora escolhido vigário capitular do bispado vago. Os “mamedistas” jamais aceitaram Dom Barreto. Por outro lado, os “barretistas” não se arrependeram, porquanto Dom Barreto levantou a diocese que ficou em ótima situação financeira e com um grande surto de religiosidade.

Em Campinas, Dom Barreto construiu o Palácio Episcopal, os edifícios para os Seminários Maior e Menor, ampliou o Ginásio Diocesano, fundou o Patronato São Francisco para meninas necessitadas, doou o “Lar Sacerdotal”, que construiu às suas expensas, para abrigar padres inválidos. Criou em 1941, entregando-a à direção do monsenhor Emílio Salim, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, marco inicial da atual Pontifícia

Universidade Católica. Instalou a Academia de Comércio São Luís, o Pensionato Virgem de Lourdes (para moças estudantes) e com o legado de Ana Pinto Freire construiu o Asilo Sant'Ana, para meninas órfãs. Patrocinou a fundação do Colégio Ave Maria e do Carmelo Santa Teresinha e em cidades de sua diocese fez instalar Escolas Apostólicas a cargo de congregações religiosas. Fez publicar os jornais "O Amigo do Clero", a "Revista das Missionárias de Jesus Crucificado" e o órgão da diocese, que chamou de "A Tribuna". Reformou templos e com o seu crédito pessoal construiu dezenas de prédios residenciais que passaram a render para a diocese, restaurando a economia do bispado e cumprindo a missão que lhe fora designada pela Santa Sé. Velou pela propagação da fé católica, organizando em 1928 um "Sínodo" que ficou marcado pela publicação de dois volumes que são "o mais completo repositório de legislação canônica diocesana". Regulamentou as semanas eucarísticas e publicou pastorais que ficaram famosas, como aquela que censurou o antigo vice-presidente da República, Fernando de Melo Viana, por ter escolhido Campinas para aí se casar com uma senhora desquitada, procedimento não aceito na época.

Dom Barreto teve dissabores sem conta. O legado de Ana Pinto Freire foi contestado judicialmente por parentes e o bispo teve que defender a diocese. Venceu. E por haver rezado uma missa campal em intenção dos soldados legalistas dias antes da queda do governo constitucional do presidente Washington Luís, na madrugada de 25 de outubro de 1930 populares embriagados chefiados por políticos desclassificados, invadiram o Palácio Episcopal e depredaram e reduziram a destroços os móveis e tudo o que lá havia. Dom Barreto foi retirado momentos antes do saque pelo seu amigo, o médico João Penido Burnier, que o levou para o seu Instituto. O novo governo revolucionário reprovou o atentado e uma comissão de militares e secretários de Estado veio a Campinas especialmente para pedir desculpas pelo que acontecera.

Assistente ao Sóló Pontifício, conde papalino, comendador da Coroa da Itália, Dom Barreto pregava uma teologia, a da Redenção, segundo a qual era necessário que se libertasse a humanidade do pecado, para que se completasse a missão de Cristo. Se Jesus resgatou o homem do pecado pela paixão e morte, cabe ao homem completar a obra de Cristo pela reparação e pelo culto ao Senhor Deus. Era **espiritual** a sua concepção da religião católica. Não se pode criticá-lo segundo o ponto de vista de qualquer nova teologia. Ele foi apenas um sacerdote do seu tempo.

Fundador, em Campinas, de uma congregação religiosa, o Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado (3 de maio de 1928). Com numerosas casas espalhadas pelo Brasil, esse Instituto é a grande realização de Dom Barreto, seu título de glória.

Faleceu em Campinas a 22 de agosto de 1941, sendo enterrado na Catedral. Ao embalsamarem o seu corpo, os médicos, segundo se

afirma, encontraram marcas de uso de cilícios. Anos mais tarde, a pedido das Missionárias, seu corpo foi trasladado para a Capela da Casa Generalícia da congregação por ele fundada. A 20 de outubro de 1953 inaugurou-se a sua estátua em bronze, obra do escultor Lélío Coluccini, na praça Dom Barreto, junto à Avenida da Saudade, em frente à casa do Instituto das Missionárias.

3. DOM PAULO DE TARSO DE CAMPOS (1º arcebispo)

Nasceu em Jaú, SP, a 24 de agosto de 1895. Estudou em sua cidade, em Itu e no Seminário Menor de Pirapora. Ordenou-se sacerdote no Seminário de São Paulo a 15 de agosto de 1920. Coadjutor do vigário de Bragança. De 1923 a 1928 foi professor no Seminário de São Paulo, havendo por algum tempo estudado ciências sociais na Universidade de Lovaina, Bélgica. Vigário de Santa Cecília, na Capital, de 1932 a 1935. Em 1º de junho de 1935 foi nomeado segundo bispo da diocese de Santos. Ali construiu a Catedral de Nossa Senhora do Rosário e organizou o Congresso Eucarístico Diocesano de 1941. Fundou, em 1939, a ALA — Assistência Litoral Anchieta —, uma organização social destinada “ao levantamento do nível espiritual do povo do litoral pela alfabetização, educação cívica, física, higiene do corpo e da habitação e combate à mortalidade infantil e ao alcoolismo”.

Em 17 de dezembro de 1941 foi nomeado terceiro bispo da diocese de Campinas. Aí organizou congressos eucarísticos em diversas cidades de sua diocese e um em Campinas, que teve repercussão nacional. Efetuou também em Campinas em 1947 um Congresso de Ação Católica.

Construiu um Palácio Episcopal no bairro de Nova Campinas e uma casa residencial para hóspedes, que depois de renunciar ocupou até morrer, na rua Emílio Ribas. Construiu também novos edifícios para o Seminário e para a Cúria. Reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Grão-Chanceler da Universidade Católica de Campinas, que entregou à direção de Monsenhor Emílio José Salim.

Escritor primoroso, publicou cartas pastorais de relevo pelo conteúdo, como a que dedicou à organização da família e à educação dos filhos. Dedicou-se à história, e no “Anuário da Diocese de Santos” discorreu sobre os vigários das povoações do litoral paulista. Publicou também trabalhos sobre os vigários de Mogi-Mirim e Piracicaba e sobre a diocese de Campinas. Foi, então, eleito membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e também da Academia Campinense de Letras. Orador de grandes recursos, quando tinha saúde, pois no fim da vida sofreu de bronquite; foi quem fez o elogio fúnebre do Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, falecido em desastre de aviação no Rio de

Janeiro em 28 de agosto de 1943. Primeiro arcebispo de Campinas, em 1958, renunciou dez anos depois, recebendo da Santa Sé o título de Arcebispo de Garba.

Faleceu em Campinas a 2 de março de 1970, estando sepultado na cripta da Catedral. Uma sua herma de bronze celebra-lhe a memória no vestíbulo do edifício do Seminário de Campinas, hoje desativado.

4. DOM ANTÔNIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA (2º arcebispo)

Nasceu em São Paulo a 14 de novembro de 1906. Estudou na Casa Pia São Vicente de Paulo, em São Paulo, de 1911 a 1917. Coursou o Seminário Menor de Pirapora de 1918 a 1923 e o Seminário de São Paulo de 1924 a 1930. Tornou-se sacerdote a 13 de março de 1930. Professor, no Seminário de São Paulo, das cadeiras de Filosofia, Pedagogia, Arte Sacra, Literatura, História da Filosofia e Teologia Dogmática. Vice-Reitor do Seminário. Membro do Cabido Metropolitano de São Paulo. Censor Diocesano e Juiz pro-Sinodal em São Paulo. Bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo. Bispo titular de Aricanda. Bispo da diocese de Jundiá. Arcebispo coadjutor de Campinas.

Arcebispo Metropolitano de Campinas, de 1968 a 1980, quando renunciou. Em nossa cidade ainda reside, no "Lar dos Velhinhos". Membro honorário da Academia Campinense de Letras. Autor de traduções de livros religiosos e de *Gólgota* (São Paulo, 1946), *Filosofia da Educação* (Petrópolis, 1945), *Nossa Senhora Aparecida* (São Paulo, 1955), *Consolando os que sofrem* (São Paulo, 1959), *Itinerário* (São Paulo, 1959), *Palavras de direção* (São Paulo, 1960), *A Serviço da Rainha* (São Paulo, 1961), etc.

5. DOM GILBERTO PEREIRA LOPES (3º arcebispo)

Nasceu em Santa Luzia, Bahia, a 14 de fevereiro de 1927. Coursou o Seminário Menor de Petrolina e o Maior, em Olinda, Pernambuco. Ordenou-se sacerdote a 4 de dezembro de 1949, em Petrolina. Vigário cooperador da Catedral de Ribeirão Preto. Cura desta mesma catedral e cônego teologal do Cabido Metropolitano de Ribeirão Preto. Reitor do Seminário Maria Imaculada, em Brodosqui, SP.

Sagrado bispo a 3 de dezembro de 1966, em Ribeirão Preto, sendo designado para a diocese de Ipameri, Goiás, onde permaneceu até dezembro de 1975, quando foi nomeado Arcebispo coadjutor de Campinas, tomando posse a 6 de março de 1976. Arcebispo titular de Aurussuliana. Administrador apostólico do Arcebispado de Campinas em 1980 e Arcebispo Metropolitano a 12 de fevereiro de 1982, em virtude da renúncia de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira. Publicou artigos em jornais de Ribeirão Preto.